



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

SUZANA LOPES PEREIRA

**FEMINISMO E VEGANISMO COMO RESISTÊNCIA À OPRESSÃO E À
EXPLORAÇÃO**

Seropédica

2024

SUZANA LOPES PEREIRA

**FEMINISMO E VEGANISMO COMO RESISTÊNCIA À OPRESSÃO E À
EXPLORAÇÃO**

Monografia do Curso de Filosofia da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção de título de
Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Michelle Profa. Michelle
Bobsin Duarte

Seropédica

2024

Suzana Lopes Pereira

FEMINISMO E VEGANISMO COMO RESISTÊNCIA À OPRESSÃO E A EXPLORAÇÃO

Monografia do Curso de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 06 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Michelle Bobsin Duarte – UFRRJ (orientadora)

Profa. Dra. Cristiane Azevedo – UFRRJ (avaliadora interna)

Prof. Dr. João Farias – IFPI (avaliador externo)

FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer minha mãe Sueli Maria Lopes Pereira, que mesmo não estando mais fisicamente ao meu lado, é a força que me guia em cada passo da minha jornada. Antes de partir, você me fez prometer que eu concluiria essa etapa, e hoje cumpro a promessa que fiz a você. Sua força, amor e dedicação são o que me inspiraram a não desistir, mesmo nos momentos mais difíceis. Este trabalho é inteiramente dedicado a você, que sempre será a minha maior motivação. Obrigada por tudo, mãe.

Agradeço a minha brilhante orientadora, Michelle Bobsin, por quem tenho imensa admiração, agradeço não só pelos ensinamentos e paciência, mas também por sua compreensão diante da minha correria (e pequenos surtos) para entregar este trabalho no prazo. Obrigada por me guiar com sabedoria e bom humor, mesmo quando parecia ser impossível concluir este trabalho.

Agradeço a minha irmã Suelen Pereira, por seu apoio constante, pelas palavras de encorajamento. Aos meus sobrinhos Ester e Samuel, que sempre estão ao meu lado, oferecendo apoio e alegria nos momentos difíceis.

Agradeço ao Gabriel Brites por estar ao meu lado em cada momento dessa jornada. Obrigada por me entender nas horas de estresse e por me dar forças quando tudo parecia impossível.

Agradeço aos meus amigos me aguentaram durante os surtos por causa deste trabalho. Obrigada por cada palavra de incentivo, por indicação de livros e até pelas críticas construtivas. Sou profundamente grata por cada gesto de apoio.

Em especial, agradeço aos meus filhos de quatro patas, que estiveram ao meu lado desde início da graduação até a conclusão do TCC. O carinho, amor e companhia deles foram essenciais para que essa jornada fosse mais leve.

Por fim, gostaria de agradecer também a todos os professores do Departamento de Filosofia da UFRRJ.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - MULHERES EM LUTA	7
Uma breve introdução à história do feminismo	7
Feminismo, guerras e vegetarianismo	13
CAPÍTULO II - A CARNE COMO UM SÍMBOLO DO PATRIARCADO	16
Simbolismo da carne, patriarcado e poder	16
Consumo, exploração animal e o poder simbólico	19
CAPÍTULO III - DESIGUALDADE DE GÊNERO E O REFERENTE AUSENTE	27
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	38

RESUMO

O presente trabalho aborda o veganismo como uma forma de resistência ao analisar suas implicações éticas, políticas e culturais na teoria feminista de Carol Adams, especialmente na obra *A Política Sexual da Carne*. Para tanto, o trabalho aborda uma breve história do movimento feminista e realiza uma análise da relação entre a opressão de gênero e o estímulo cultural ao consumo de carne, com o intuito de postular que o veganismo ultrapassa questões alimentares e se posiciona como uma crítica ao sistema patriarcal através das articulações de resistências às opressões estruturais, considerando as intersecções entre gênero, espécie e poder. Conclui-se que o veganismo e o feminismo compartilham valores e objetivos comuns.

Palavras Chaves: Feminismo; Veganismo; Movimentos; Sociais; Justiça Social; Carol Adams; Patriarcado.

ABSTRACT

This work examines veganism as a form of resistance by analyzing its ethical, political, and cultural implications within Carol Adams' feminist theory, particularly in her book *The Sexual Politics of Meat*. To this end, the work provides a brief overview of the feminist movement and explores the relationship between gender oppression and the cultural encouragement of meat consumption. The aim is to argue that veganism transcends dietary concerns, positioning itself as a critique of the patriarchal system through its resistance to structural oppression and considering its intersections with gender, species, and power. The study concludes that veganism and feminism share common values and goals.

Keywords: Feminism; Veganism; Social Movements; Social Justice; Carol Adams; Patriarchy.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o interesse por dietas vegetarianas e veganas tem crescido em diversas partes do mundo, impulsionado por preocupações éticas, ambientais e de saúde. Segundo um estudo conduzido pelo IBOPE Inteligência, comissionado pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) em 2018, cerca de 14% da população brasileira se autodeclara vegetariana.

Segundo a The Vegan Society, organização do Reino Unido, o veganismo é uma filosofia e estilo de vida que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais, seja para alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito. Embora Carol J. Adams não utilize explicitamente o termo “veganismo” em sua obra *A Política Sexual da Carne*, seus conceitos e análises expressam as mesmas premissas desse movimento.

O veganismo e o vegetarianismo não podem ser reduzidos a uma dieta, pois essas escolhas alimentares são formas de resistência contra um sistema de dominação e desigualdade que, além de possuírem uma dimensão prática, também provocam discussões filosóficas sobre ética e política.

Com o objetivo de investigar as interseções entre feminismo e veganismo, analisando como esses movimentos se articulam na crítica à sociedade patriarcal e como podem se unir para promover uma transformação social mais justa, este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro será feita uma introdução sobre feminismo, apresentando as particularidades e conquistas em cada onda do movimento feminista. No segundo capítulo, será discutida a relação entre o consumo da carne e o patriarcado. O terceiro capítulo apresentará o conceito de referente ausente, enfatizando a relação entre mulheres e animais.

CAPÍTULO I - MULHERES EM LUTA

Uma breve introdução à história do feminismo

O movimento feminista surgiu no final do século XIX para questionar, criticar e transformar as estruturas de desigualdade de gênero e de dominação patriarcal na sociedade. Ao longo da história, o movimento social e político busca a igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres, desafiando as estruturas de poder patriarcal e as desigualdades de gênero, raça e classe.

Embora tenha conquistado direitos fundamentais como o voto e a igualdade salarial, o feminismo ainda é visto por muitas pessoas com preconceito e desinformação. Muitos acreditam que se trata apenas da busca das mulheres em se igualarem aos homens, o que faz com que muitas mulheres não se identifiquem com o termo. Além disso, é considerado um movimento “anti-homem”, algo que resulta na concepção de que o termo feminista pode ser frequentemente usado como insulto.

Na maioria das vezes, pensam que feminismo se trata de um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens. Essas pessoas nem pensam que feminismo tem a ver com direitos – é sobre mulheres adquirirem direitos iguais. Quando falo do feminismo que conheço – bem de perto e com intimidade –, escutam com vontade, mas, quando nossa conversa termina, logo dizem que sou diferente, não como as feministas “de verdade”, que odeiam homens, que são bravas. Eu asseguro a essas pessoas que sou tão de verdade e tão radical quanto uma feminista pode ser, e que, se ousarem se aproximar do feminismo, verão que não é como haviam imaginado.¹

O feminismo é a crença na igualdade social, econômica e política dos sexos.²Essa busca por igualdade não é estática, mas se transforma ao longo do tempo, adaptando-se a diferentes contextos históricos, culturais e sociais. Diversos teóricos e ativistas têm oferecido diversas interpretações e abordagens sobre o que é o feminismo, como por exemplo:

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social ³.

¹ hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

² Definição dada por Encyclopedia Britannica, plataforma online de ensino e conhecimento com sede no Reino Unido.

³ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011, p.13.

Segundo bell hooks⁴ o “feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” Ou seja, qualquer tipo de preconceito contra alguém por causa do seu sexo é ruim, não importa se quem faz isso é homem, mulher, criança ou adulto. Sendo assim, para entender o feminismo é preciso entender o sexismo.⁵

Historicamente, o movimento feminista é dividido em ondas⁶, cada uma marcada por contextos sociais específicos e por diferentes demandas. A primeira onda, que se estende do final do século XIX até o início do século XX, foi centrada em reivindicações por direitos civis básicos, como o direito ao voto e a igualdade jurídica. Esse período foi marcado pelo movimento sufragista, que impulsionou o feminismo a conquistar reconhecimento político para as mulheres, em um contexto de forte exclusão social e jurídica.

A primeira onda do feminismo foi impulsionada pelas sufragistas, que buscaram assegurar às mulheres uma voz ativa nas decisões políticas e direitos equivalentes aos dos homens. Porém, tinham outras reivindicações:

Os temas de discussão e as reivindicações das feministas eram bastante diversos e diziam respeito à autodeterminação sexual, ao acesso a algumas profissões e melhorias das condições de trabalho assalariado, ao acesso à educação formal e a um currículo escolar que não fosse voltado às atividades domésticas, à reforma do direito matrimonial (que subjugava as esposas aos maridos, permitia a expropriação dos bens das mulheres pelos esposos e um tratamento desigual diante do adultério, impossibilitava o divórcio etc.) dentre outros.⁷

Os movimentos sufragistas tornaram-se os principais representantes dessa onda. Na Inglaterra, as *suffragettes* lideraram campanhas intensas que incluíram manifestações de massa e greves de fome. O sufragismo inovou as formas de agitação política e inventou a luta pacífica, que resultou na adoção da prática por outros movimentos políticos como o sindicalismo e o movimento em prol dos direitos civis.⁸ No Brasil, o movimento feminista acompanhou as tendências internacionais, com Bertha Lutz⁹ liderando a luta pelo sufrágio feminino, conquistado em 1932.

Ainda que o movimento tenha ficado conhecido pela ênfase que dava ao direito ao voto, as sufragistas lutavam pela igualdade em todos os terrenos apelando à autêntica universalização

⁴ A autora bell hooks opta por escrever seu nome com letras minúsculas.

⁵ hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p.17.

⁶ A metáfora da onda foi amplamente usada para demarcar momentos históricos específicos. No entanto, em determinado momento, passou-se a adotar a data como forma de referência.

⁷ ZIRBEL, Ilze. “Ondas do feminismo”. *Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 2021, p. 13. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

⁸ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011, p.58.

⁹ Lutz, Bertha Maria Júlia. *Bertha Lutz: luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras*. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s>. Acesso em: 15 nov. 2024.

dos valores democráticos e liberais. Por uma questão estratégica, consideravam que uma vez conseguido o voto e o acesso ao Parlamento, poderiam começar a modificar o resto das leis e instituições. Além disso, o voto era um meio de unir Sufragistas as mulheres de opiniões políticas e classes sociais muito diferentes, já que todas estavam excluídas por serem mulheres.¹⁰

Apesar do movimento ter começado com mulheres de classe média, a maioria das manifestantes presentes nas grandes manifestações que deram visibilidade a essa onda era da classe trabalhadora, que lutavam contra as péssimas condições de vida e trabalho às quais estavam submetidas.¹¹ Inseridas no mercado de trabalho de forma precária, muitas vezes em funções mal remuneradas, as mulheres enfrentaram duplas jornadas, dividindo-se entre o emprego formal e as tarefas domésticas, tradicionalmente vistas como responsabilidade feminina.

O capitalismo beneficiou-se desse trabalho gratuito nos lares e da disparidade salarial entre homens e mulheres para maximizar os lucros, perpetuando desigualdades econômicas e sociais.

Um sistema econômico pautado na valorização do capital e na exploração da mão de obra da população foi igualmente estabelecido, o capitalismo. Tal sistema beneficia-se do trabalho gratuito das mulheres nos núcleos familiares e da diferença salarial entre os sexos para gerar e ampliar lucros. A sociedade e os indivíduos dependem do trabalho doméstico e das variadas atividades de cuidado realizadas pelas mulheres, mas não lhes atribuem valor.¹²

Embora em algum momento, vários grupos de mulheres tenham decidido lutar em conjunto para potencializar algum ponto presente em suas pautas, nem sempre foi assim. Em diversos países, grupos distintos lutavam por suas próprias pautas.

As guerras desencadeadas entre diversos países durante a segunda década do século XX afetaram as pautas e mobilizações feministas nos países envolvidos, arrefecendo suas lutas. No entanto, na América Latina, em países como o Brasil, Chile, Argentina, México, Peru e Costa Rica, distantes do *front* de guerra e nos quais também havia sido iniciada uma luta pelo sufrágio, muitos grupos seguiram focados nessa luta e em suas pautas locais.¹³

A primeira onda consolidou o feminismo como um movimento social e político, estabelecendo as bases para as discussões e conquistas das ondas seguintes. Novas pautas surgiram a partir da publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949.¹⁴

¹⁰ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011, p.58.

¹¹ ZIRBEL, Ilze. “Ondas do feminismo”. *Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 2021, p. 14. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

¹² *Ibid.* p.13.

¹³ *Ibid.* p.15

¹⁴ MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, 2015, p. 233.

Embora inicialmente não se identificasse como feminista, a filósofa começou a refletir sobre a condição feminina a partir de conversas e observações da sua própria experiência. Dessa reflexão nasceu *O segundo sexo*, que constitui um dos textos clássicos do feminismo contemporâneo.¹⁵

Pode-se dizer que boa parte do feminismo da segunda metade do século XX foi marcada profundamente por essa obra, não apenas porque coloca de pé novamente o feminismo depois da Segunda Guerra, mas também porque é o estudo mais completo sobre a condição feminina escrito até aquele momento.¹⁶

Simone de Beauvoir¹⁷ teoriza que a mulher tem sido historicamente considerada como a outra em relação ao homem sem que esse fato suponha uma reciprocidade.¹⁸ Diferente de outras formas de alteridade, onde o sentimento de “ser o outro” é mútuo, a relação entre homem e mulher é marcada pela assimetria, com o homem ocupando o lugar de sujeito e a mulher, o de objeto. O homem em nenhum caso é o outro, ao contrário, ele é o centro, a medida e a autoridade - esta ideia será a que o feminismo chamará de androcentrismo: o homem como medida de todas as coisas.¹⁹ Desse modo, mesmo quando se amplia a visibilidade das mulheres na esfera pública—e se conquistam direitos políticos e sociais, o homem permanece como a medida de todas as coisas, detentores do poder e criadores da cultura, mantendo-se como categoria universal.²⁰

Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “sou uma mulher”. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a de duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos (...). A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.²¹

A segunda onda do feminismo, que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970, foi impulsionada por novas demandas e pela reflexão crítica sobre o papel da mulher na sociedade.

¹⁵ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011, p.79.

¹⁶ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011, p. 80.

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. A obra da filósofa francesa revolucionou os estudos de gênero, desmistificando a ideia de que a mulher é um ser essencialmente diferente do homem, argumentando que a feminilidade é uma construção social.

¹⁸ GARCIA, op.cit., p.81.

¹⁹ *Ibid.* p.81.

²⁰ MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, 2015, p. 233.

²¹ BEAUVOIR, op.cit., p.9.

Diferentemente da primeira onda, que focava principalmente nos direitos civis, essa nova fase introduziu pautas relacionadas ao corpo, à sexualidade e à identidade feminina.

A segunda onda teve início após os impactos das duas guerras mundiais, quando mulheres assumiram papéis tradicionalmente masculinos no mercado de trabalho. No entanto, ao fim das guerras, foram incentivadas a retornar às funções domésticas, enquanto os homens reassumiam as posições de destaque nas esferas política e econômica. O crescimento do ensino universal permitiu que uma nova geração de mulheres mais instruídas emergisse, fomentando debates sobre os direitos femininos.

O slogan “o pessoal é político”, elaborado por Carol Hanisch em 1969, um dos marcos da segunda onda do feminismo, reflete a ideia de que as experiências privadas das mulheres, frequentemente vistas como questões pessoais ou individuais, são na verdade moldadas por estruturas sociais e políticas mais amplas. Através dele surge a necessidade de debater temas como violência doméstica, desigualdade no cuidado dos filhos e a invisibilização do trabalho doméstico não remunerado, mostrando que essas questões não são naturais ou inevitáveis, mas sim frutos de sistemas de poder, como o patriarcado. Ao afirmar que o espaço doméstico é também um local de opressão, o feminismo ampliou o alcance de suas pautas, conectando transformações sociais profundas às mudanças nas relações cotidianas e na esfera privada.

Nesse momento, a noção de “pessoal” foi identificada com as consequências do patriarcalismo na vida privada, cujo *locus* reside nas relações domésticas e familiares. Entendido como uma das estruturas que organizam a vida social, o patriarcalismo caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar –e com repercussões importantes na política, na legislação e na cultura.²²

Nesse período ocorreu o fortalecimento de movimentos feministas globais, como a organização da Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, organizada pela ONU em 1975. A segunda onda possibilitou a troca de ideias e estratégias, fortalecendo o movimento e adaptando suas demandas às especificidades culturais e políticas de diferentes contextos, dando origem a novos grupos. Hoje existem diferentes vertentes do feminismo: feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista ou social, feminismo interseccional, feminismo negro, feminismo decolonial, (etc).

Apesar de nenhum grupo de feministas identificar-se como ‘feminista liberal’ no início da segunda onda, esta terminologia passou a ser utilizada na década de 1980. Ela designou feministas ou grupos de mulheres que lutaram por mudanças político-jurídicas-culturais como forma de enfrentamento da opressão e que acreditavam que a liberdade (sexual, do domínio

²² MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, 2015, p.235.

masculino no casamento, na escolha de modos de viver, etc.) era essencial, podendo ser alcançada por meio da ação estatal e com políticas que atendessem às necessidades das mulheres (punindo a violência, criando apoios à maternidade, eliminando a desigualdade salarial).²³

Por fim, a terceira onda do feminismo, que emerge nos anos 1990, trouxe uma perspectiva mais plural e interseccional, integrando à luta feminista questões de raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero. Esta fase, influenciada pelo pós-modernismo e pela globalização, enfatizou a diversidade de experiências das mulheres e reconheceu a importância de incluir vozes marginalizadas, superando visões essencialistas do sujeito feminista. Além disso, incentivou a integração de novas pautas, como a defesa dos direitos dos animais, propondo uma ética do cuidado e respeito a todas as formas de vida, conectando assim o feminismo a questões éticas mais amplas, como o vegetarianismo.

A terceira onda do feminismo destacou-se por sua diversidade de pautas, pela crítica às narrativas hegemônicas e pelo uso intensivo das novas tecnologias de comunicação para mobilização e conscientização. Nos Estados Unidos, a mídia retratou jovens mulheres como “pós-feministas”, sugerindo que os objetivos do feminismo haviam sido alcançados.²⁴

Na terceira onda do feminismo, a existência de uma identidade de gênero continua sendo crucial para a formulação de um projeto político mais amplo, com amplas repercussões sociais.²⁵ Porém, rejeita a ideia de que há uma experiência única ou homogênea que define o ser mulher, enfatizando a importância da interseccionalidade (raças, classes, sexualidades e culturas) para compreender as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam.

Como pontuou Claire Hemmings, a desconstrução da categoria mulher não é algo que ocorre a partir dos anos 90, mas é uma das preocupações mais duradouras para a maioria das feministas, de distintas épocas. Confrontos e discussões entre feministas sobre o que hoje chamamos de ‘pautas identitárias’ (ou sobre a definição de mulher) acompanharam o feminismo desde antes da primeira onda. No entanto, esse fato foi apagado ou minimizado por meio da ação da mídia, que sempre deu destaque para as experiências e narrativas de mulheres brancas de classe média, como apontou hooks.²⁶

Na virada do século XX para o XXI havia uma forte presença do feminismo em todos os continentes e uma forte atuação de feministas jovens, muitas delas engajadas nas mídias

²³ ZIRBEL, Ilze. “Ondas do feminismo”. *Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 2021, p. 20. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

²⁴ ZIRBEL, Ilze. “Ondas do feminismo”. *Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 2021, p. 21. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

²⁵ MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, 2015, p. 237.

²⁶ ZIRBEL, *op.cit.*, p. 22.

sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Tumblr, YouTube e blogs).²⁷ Através da internet foi possível ampliar o acesso de conceitos teóricos fundamentais, como gênero, interseccionalidade e consubstancialidade do poder, que antes estavam restritos à academia, democratizando o acesso ao conhecimento feminista.

Embora os rumos dessa onda ainda estejam em evolução, ela se consolidou como um movimento transnacional que articula lutas anti-sexistas, anti-racistas, anti-capitalistas e ecofeministas, enfrentando diversas formas de opressão e propondo novos caminhos para um mundo mais igualitário.

Feminismo, guerras e vegetarianismo

A Primeira Guerra Mundial trouxe mudanças drásticas para o cenário social e político global, impactando profundamente a vida das mulheres. Com milhões de homens indo para o *front* de batalha, as mulheres conseguiram assumir funções que antes eram consideradas masculinas, como: motoristas, enfermeiras, trabalhadoras em fazendas e fábricas, secretárias em escritórios e até no serviço público. Com isso, as mulheres começaram a reivindicar os seus direitos.

Além disso, a Primeira Guerra Mundial impulsionou o debate sobre a alimentação, popularizando o vegetarianismo como resposta à escassez e a questões éticas, a época entre a primeira e a segunda guerras mundiais têm sido chamadas de “Era de Ouro do Vegetarianismo”. Para muitas mulheres, especialmente feministas, o vegetarianismo era um ato político de resistência contra as estruturas de poder patriarcais e a exploração animal.

A Grande Guerra estimulou o vegetarianismo, impulsionando-o como um movimento do século XX e como um tema de romances escritos por mulheres.²⁸ Esses romances, ao entrelaçar ficção e reflexão ética, defenderam o vegetarianismo como uma prática de não-violência e justiça social. Adams, ao analisar esses textos, aponta uma conexão entre os temas, demonstrando como contribuíram para a difusão tanto do feminismo quanto do vegetarianismo, em um contexto de grandes transformações sociais e políticas.

Esses temas incluem a rejeição dos atos de violência masculinos, a identificação com animais, o repúdio ao controle masculino sobre as mulheres e as postulações do mundo ideal composto por vegetarianismo, pacifismo e feminismo – por oposição a um mundo decaído composto em parte de opressão feminina, guerra e o consumo de carne.²⁹

²⁷ *Ibid.* p. 23.

²⁸ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 182

²⁹ *Ibid.*, p. 183.

Esse contexto de guerra influenciou diretamente o feminismo, fomentando a organização de movimentos pacifistas e fortalecendo o papel das mulheres em causas humanitárias. Embora muitas feministas ligassem a guerra ao domínio masculino, os textos da época afirmavam que as mulheres eram contra a violência devido ao seu papel como nutridoras e mães. Adams utiliza a visão do historiador C. Roland Marchand para expor esse pensamento:

As mulheres corporificam os “traços mais suaves de ternura e da compaixão” e, portanto, tinham uma contribuição especial a oferecer para o governo [...] As ideias destrutivas masculinas de força física somente seriam vencidas, afirmava a militante sufragista Harriet Stanton Blatch, quando o “ponto de vista de mãe” abrisse caminho à força na diplomacia internacional.³⁰

Esse argumento também é utilizado ao tratar da morte de animais. Oliver Schreiner (1911) postula que é a experiência do parto que leva as mulheres a se oporem à guerra e à matança de animais por esporte.

É inegável que as relações da mulher com a produção da vida humana influenciam até a sua relação com os animais e a toda e qualquer vida. “O dia está bonito, vamos sair e matar algum bicho!”, grita instintivamente o típico macho de certas raças. “Veja lá uma coisa viva; ela vai morrer se não for cuidado”, diz a mulher típica, de modo quase igualmente instintivo.³¹

Durante a guerra, a escassez de recursos alimentares provocou mudanças significativas nos hábitos alimentares. Houve racionamento de alimentos entre os civis, principalmente para as mulheres, e estímulos governamentais para que adotassem uma dieta sem carne, enquanto os soldados continuavam recebendo carne em suas refeições. Essa ênfase na carne para a população masculina no front de guerra pode ter deixado claro, nos lares, as conexões entre feminismo, vegetarianismo e pacifismo.³²

Embora o vegetarianismo tenha sido imposto para os civis em razão da escassez de recursos durante a guerra, a prática já possuía um forte princípio ético, baseado na rejeição à violência. Encontramos um exemplo ilustrativo dessa situação no pedido que a *Federation Humano-Vegetarians*, dos Estados Unidos, fez ao presidente Woodrow Wilson em 1918, no qual foi solicitado que os “seguidores do Culto Vegetariano” tivessem o mesmo tratamento dispensado a quem, por motivos religiosos, recusava-se a entrar em guerra.³³

As guerras nunca deixarão de existir enquanto os homens continuarem matando outros animais para comer, uma vez que transformar qualquer criatura viva num assado, um bife ou numa

³⁰ ADAMS, 2012, p. 182. apud. MARCHAND.

³¹ ADAMS, 2012, p.184.apud. SCHREINER, 1911.

³² *Ibid.*, p. 189.

³³ *Ibid.*, p. 187.

costela, ou em qualquer outra forma de “carne”, implica o mesmo tipo de violência, o mesmo tipo de derramamento de sangue e o mesmo tipo de processos mentais exigidos para transformar um homem vivo num soldado morto.³⁴

A crítica feminista ao consumo de carne frequentemente o associa ao patriarcado, identificando como esse sistema utiliza a violência e o controle para manter hierarquias de poder. Ao promover o vegetarianismo, mulheres feministas articulavam uma visão ética de igualdade que desafiava sistemas de opressão, defendendo práticas alimentares que refletissem valores de empatia e cuidado, em oposição à exploração e à dominação.

³⁴ ADAMS, 2012, p. 190, apud. RYAN, 1943.

CAPÍTULO II - A CARNE COMO UM SÍMBOLO DO PATRIARCADO

Simbolismo da carne, patriarcado e poder

A carne tem uma presença relevante nas práticas alimentares e simbólicas de diversas culturas, especialmente nas ocidentais. Esse papel é particularmente evidente em cenas comuns de refeições familiares, que refletem não apenas a importância nutricional, mas também o valor cultural atribuído à carne. É comum imaginar uma mesa de domingo à tarde, com todos sentados à espera da comida, enquanto a mãe chega com seu prato de arroz, feijão, bife e batatas fritas. A cena é vibrante e familiar, cheia de risos e conversas, destacando o bife como um elemento central de satisfação e convivência. Agora, visualize o domingo de sol, com a família reunida ao redor da churrasqueira, o pai preparando um churrasco delicioso e todos aproveitando o almoço ao ar livre.

Esses momentos não são apenas ocasiões para se alimentar, mas também para reafirmar laços culturais e sociais em torno do consumo de carne. Isto nos leva a compreender porque a carne vermelha é amplamente consumida, apesar de seu consumo excessivo estar associado a um maior risco de doenças crônicas e seu custo elevado. A carne, especialmente a vermelha, carrega um valor simbólico significativo.³⁵

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer poderes estruturantes em nossa sociedade porque eles são estruturados.³⁶ O poder simbólico é uma forma de dominação exercida de maneira imperceptível, através dos “sistemas simbólicos”, que são as estruturas que dão sustentação a esse tipo de poder. Como exemplo, temos a língua, a arte e a ciência, que são sistemas simbólicos que estruturam a existência coletiva. A cristalização de determinadas práticas nesses sistemas fazem com que as pessoas aceitem relações de dominação como naturais.

Tradicionalmente, o consumo de carne não se limita ao seu papel nutricional, mas assume também um profundo simbolismo cultural associado ao poder, virilidade, status e força. Esse simbolismo é bem exemplificado pela Carol J. Adams em *A Política Sexual da Carne*, neste livro a pensadora afirma que “o sexismo no consumo de carne recapitula as distinções de classe com o acréscimo de uma peculiaridade: permeia todas as classes a mitologia de que a

³⁵ MARTINS, Débora Sanches. *Consumo de carne bovina e a questão de gênero*. 2019, p. 4. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/0006ce4b-8a8d-4454-8eb9-bc00c06d6125/content>. Acesso em: 23 out. 2024.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, p. 9.

Em “O poder simbólico” o sociólogo francês desenvolve o conceito de poder simbólico, evidenciando como ele é legitimado e naturalizado nas relações sociais.

carne é um alimento masculino e seu consumo uma atividade masculina”.³⁷ Em outras palavras, a carne é frequentemente vinculada a uma imagem de força e domínio que reforça normas de gênero tradicionais. Neste sentido, a carne figura como um símbolo do patriarcado.

Sylvia Walby, por sua vez, define o patriarcado como

um sistema de estruturas e práticas sociais no qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres. O uso do termo estrutura social é importante já que ele implica claramente a rejeição tanto do determinismo biológico como da noção de que cada homem individual está em uma posição dominante e cada mulher em uma posição subordinada.³⁸

O entendimento do patriarcado como algo culturalmente estruturante é importante para compreendermos a carne, seus derivados e suas analogias em relação ao corpo feminino como símbolos dessa estrutura na qual se assenta a nossa sociedade.

Neste sentido, em contextos como churrascos e grandes refeições, a carne se torna também um marcador social que não só distingue classes sociais, mas também sublinha a masculinidade. Esse simbolismo alimenta a ideia de que o consumo de carne é uma prática essencialmente masculina, consolidando assim a carne como um elemento central na construção e manutenção da identidade masculina dentro das estruturas culturais patriarcais.

As sociedades que consomem carne adquirem identificação masculina pela sua escolha de alimentos, e os compêndios sobre carne apoiam vigorosamente essa associação. *The Meat Eat* (A carne que comemos) proclama que a carne é “uma comida viril e protetora”, portanto “um farto suprimento de carne sempre esteve ligado a um povo viril e feliz”.³⁹

O consumo de carne, especialmente em contextos sociais masculinos, é frequentemente associado a conceitos de virilidade e identidade. Um exemplo disso é a matéria publicada no site Terra, que destaca como a reação de colegas de um homem que se tornou vegano pode ser carregada de preconceito e desdém. A reportagem descreve como a mudança alimentar foi recebida com comentários depreciativos, tais como “homem que é homem come carne” e outras expressões de superioridade, evidenciando o valor simbólico da carne na afirmação da masculinidade.⁴⁰

Carol Adams destaca que

³⁷ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 58.

³⁸ WALBY, Sylvia. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 20.

³⁹ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 58.

⁴⁰ SANTOS, Eduardo. SANTOS, Leandro. (Vegano periférico). O que o consumo de carne diz sobre a masculinidade. *Terra*, 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rango-esperto/o-que-o-consumo-de-carne-diz-sobre-a-masculinidade,80be388b85c8a6531d11b6f7be093185kgxhw7ws.html#google_vignette. Acesso em: 11 set. 2024.

uma vez que os legumes e verduras são considerado comida de mulher, por extensão eles passam a ser considerados 'femininos', passivos". Essa percepção cultural reflete um preconceito enraizado que associa alimentos vegetais à feminilidade e à fraqueza, enquanto os alimentos de origem animal são vinculados à masculinidade e à força. A necessidade masculina de se distanciar da comida considerada feminina institucionalizou atitudes sexistas, que se manifestam na crítica e no desprezo pelo que é classificado como "vegetal".⁴¹

Já a série *Seinfeld* apresenta, no episódio "The Wink", uma cena que ilustra claramente a dinâmica de gênero relacionada à alimentação. Quando Jerry Seinfeld pede uma salada em uma churrascaria, ele é alvo de desdém de sua acompanhante. Esta reação é um exemplo prático do que Carol Adams descreve ao afirmar que "os homens que resolveram se abster de carne são julgados como afeminados; se um homem deixa de comer carne, está anunciando que não é masculino".⁴²

Um estudo recente (2023), publicado na *Sex Roles*, intitulado "*Gender, Masculinity and the Perception of Vegetarians and Vegans: A Mixed-Methods Investigation*"⁴³ aponta que a percepção social de homens vegetarianos e veganos é fortemente influenciada por normas de gênero relacionadas à alimentação. A pesquisa, que combinou questionários com 1048 participantes e grupos focais com 36 indivíduos, constatou que a associação cultural entre carne e masculinidade prevalece. Como resultado, homens que seguem dietas baseadas em plantas são frequentemente estigmatizados como fracos, menos masculinos ou até mesmo gays.

A internalização de estereótipos alimentares, mesmo entre mulheres veganas, ilustra como as normas culturais sobre gênero e alimentação estão profundamente enraizadas em nossa sociedade. A valorização dos alimentos vegetais como símbolos de virtude e autocontrole reflete normas culturais que idealizam a conformidade feminina com dietas específicas, perpetuando estereótipos de gênero. Essa estigmatização não só influencia a identidade individual, mas também contribui para a marginalização de comunidades veganas e vegetarianas.

Carol Adams argumenta que a carne é simbolicamente vinculada ao poder, refletindo uma hierarquia cultural que associa a proteína animal a status e autoridade: "as pessoas que têm poder sempre comem carne". Ela ilustra essa associação ao mostrar que, historicamente, a aristocracia europeia é frequentemente retratada consumindo carnes, enquanto as mulheres da nobreza eram representadas com frutas e laticínios. Simultaneamente, a classe operária se

⁴¹ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 72.

⁴² *Ibid.* p. 75.

⁴³ ADAMCZYK, Dominika; MODLINSKA, Klaudia; MAISON, Dominika; PISULA, Wojciech. 'Gender, Masculinity and the Perception of Vegetarians and Vegans: A Mixed-Methods Investigation'. *Sex Roles*, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-023-01420-7>. Acesso em: 23 out .

alimentava predominantemente de carboidratos, com a proteína limitada sendo reservada para o “homem da família”.

A cultura dominante, marcada por relações de poder e opressão, estabelece hierarquias entre diferentes seres. A exploração animal, fundamentada na lógica do dominador e do dominado, é apenas um exemplo dessa dinâmica. A produção de carne, que exige a morte de animais, reflete a mesma lógica que permeia a outras formas de opressão, como o sexismo e o racismo. Carol Adams argumenta que o consumo de carne não é um ato isolado, mas está intrinsecamente ligado a sistemas de poder mais amplos. Para confirmar essa ideia, Adams se baseia em relatórios médicos, exemplificados pelo discurso do médico George Beard, que afirmava:

Os ‘trabalhadores do cérebro’ precisavam de carne magra como principal refeição, mas as classes ‘selvagens’ e ‘inferiores’ podiam viver exclusivamente de alimentos mais ordinários [...] Para ele, bem como para muitos outros, os cereais e as frutas estão abaixo na escala de evolução, e por isso são alimentos adequados às outras raças e às mulheres brancas, que também pareciam estar mais abaixo da escala evolutiva.⁴⁴

O consumo de carne naturaliza uma hierarquia que legitima a dominação de uns sobre outros. Essa lógica, que coloca os humanos acima dos animais, se reflete nas relações de poder entre os próprios humanos. As mulheres, historicamente submetidas a diversas formas de opressão, são frequentemente comparadas aos animais e, assim, se tornam alvos de violência e discriminação.

Consumo, exploração animal e o poder simbólico

A conexão entre o consumo de carne e a violência, tanto simbólica quanto real, revela uma grave falha ética. Peter Singer⁴⁵, em seu livro *Libertação Animal*, apresentou um novo pensamento ético sobre a maneira opressora como os animais são utilizados pelos humanos, especialmente em relação à alimentação e à experimentação científica. Para Singer, há um interesse comum entre o ser humano e os animais não humanos: o desejo de evitar dor e sofrimento. Assim, a exploração de seres sencientes é moralmente injustificável, pois viola o princípio da igualdade e ignora a capacidade desses animais de sentir dor.

Sendo assim, o consumo de carne não apenas perpetua a violência simbólica, ao associar a carne a características de poder e masculinidade, mas também intensifica a violência real.

⁴⁴ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 64.

⁴⁵ SINGER, Peter. *Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Essa violência simbólica desvaloriza alternativas alimentares, como dietas baseadas em plantas, ao retratar o consumo de carne como um marcador de virilidade e status. Por outro lado, a violência real, visível nas práticas cruéis das fazendas, evidencia a exploração sistemática dos animais e reforça hierarquias opressoras. Esse ciclo de crueldade e dominação não só agrava o sofrimento animal, mas também desafia a noção de superioridade humana, ao revelar a profundidade das desigualdades e injustiças presentes na nossa sociedade.

A crescente conscientização sobre o bem-estar animal, impulsionada pela mídia, está transformando o mercado de carnes. O estudo “*Impacts of Animal Well-Being and Welfare Media on Meat Demand*”⁴⁶ revela como a cobertura jornalística sobre o tema molda as escolhas dos consumidores norte-americanos, demonstrando o poder da mídia em promover práticas mais éticas na produção animal. Este estudo teve como objetivo analisar como a informação veiculada pela mídia sobre o bem-estar animal influencia as decisões de compra dos consumidores de carne. Levando em consideração a falta de transparência da indústria, os consumidores são cada vez mais influenciados pela mídia ao escolherem seus produtos.

Os resultados indicam uma mudança significativa nos hábitos de consumo, impulsionada pela cobertura midiática sobre o bem-estar animal. A diminuição no consumo de carne suína e de aves, aliada à ausência de informações nas embalagens, direciona os consumidores para opções não-cárneas, evidenciando um crescimento no consumo de produtos vegetais e alternativas à base de plantas.

A “mania vegana” está sendo explorada por grandes corporações como uma simples estratégia de marketing. Segundo um artigo do site Terra, essas empresas lançam produtos à base de plantas para atrair um público específico, sem, no entanto, promover uma mudança real em suas práticas. Não considerar as questões mais profundas sobre como os alimentos são produzidos e o bem-estar dos animais revela um comportamento oportunista que vai contra a crescente busca por um consumo mais responsável e ético.

A exploração animal continua sendo a base do negócio dessas empresas, que apenas fingem se importar com o bem-estar animal ao lançar produtos vegetais. Ao invés de promoverem uma mudança real em suas práticas, elas estão simplesmente tentando capitalizar sobre a crescente demanda por opções mais éticas, mantendo, ao mesmo tempo, a exploração de animais e trabalhadores.

⁴⁶ TONSOR, G. T.; OLYNK, N. J. Impacts of Animal Well-Being and Welfare Media on Meat Demand. *Journal of Agricultural Economics*, v. 62, n. 1, p. 59-72, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/29035048/Impacts_of_Animal_Well_Being_and_Welfare_Media_on_Meat_Demand. Acesso em: 12 set. 2024.

Recentemente, grandes redes de fast food⁴⁷ têm investido em produtos à base de plantas, pintando suas campanhas de verde e prometendo um futuro mais sustentável. A princípio, essas ações podem ser um progresso positivo para a defesa dos animais, do meio ambiente e para as questões de igualdade social. Grupos como a PETA, que lutam pelos direitos dos animais, elogiaram a iniciativa como uma maneira de diminuir a necessidade de produtos de origem animal e, conseqüentemente, reduzir o sofrimento dos animais.

A inclusão de alternativas veganas por essas empresas não deve ser considerada como uma solução completa para as questões de exploração e desigualdade. Como aponta o artigo do Terra, “consumir um hambúrguer sem nada de origem animal em uma mega corporação que explora bilhões de animais e humanos por ano, e fornece apenas 1% de opções veganas é o mesmo que consumir um pedaço de carne”⁴⁸. Apesar de representar um passo em direção à redução do sofrimento animal, essas redes de fast food continuam a explorar trabalhadores vulneráveis e a expandir suas operações em um setor que ainda promove a exploração animal em larga escala.

O McDonald's, ao mesmo tempo em que lança hambúrgueres veganos e se veste de verde, mantém parcerias com empresas como a Marfrig, que investem pesadamente em mega-abatedouros. Essa contradição expõe o que muitos chamam de ‘greenwashing’⁴⁹, onde a imagem sustentável mascara práticas que perpetuam a exploração animal e ambiental.

A preocupação com o bem-estar animal e a sustentabilidade ambiental, embora válida, não pode encobrir a grave violação dos direitos trabalhistas nas redes de fast-food. As recentes condenações judiciais contra grandes empresas do setor expõem um cenário de exploração, com trabalhadores submetidos a condições insalubres, jornadas exaustivas e assédio.

Recentemente, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) condenou o McDonald's a pagar 2 milhões de reais por violação dos direitos trabalhistas, incluindo a exposição de

⁴⁷ Piloto Lewis Hamilton lança rede de fast food vegano Neat Burger. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Alimentacao/noticia/2019/09/piloto-lewis-hamilton-lanca-rede-de-fast-food-vegano.html>. Acesso em: 6 set. 2024.

⁴⁸ SANTOS, Eduardo. SANTOS, Leandro (Vegano periférico). Lanches veganos em grandes redes fast food não é a solução. *Terra*, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rango-esperto/lanches-veganos-em-grandes-redes-fast-food-nao-e-a-solucao,73404/>. Acesso em: 11 set. 2024.

⁴⁹ Greenwashing, expressão que significa "maquiagem verde" ou "lavagem verde". Nessa estratégia, as marcas criam uma falsa aparência de sustentabilidade sem necessariamente aplicá-la na prática. Geralmente, utilizam termos vagos e sem embasamento, levando o consumidor a acreditar que está contribuindo para a sustentabilidade ambiental e animal ao comprar um produto “ecologicamente correto”.

Disponível em:

<https://idec.org.br/greenwashing#:~:text=Essa%20situa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20chamada%20de,necessariamente%20aplic%C3%A1%20Da%20na%20pr%C3%A1tica>. Acesso em: 13 set. 2024.

funcionários adolescentes a condições perigosas⁵⁰. Além disso, em 2022, o Ministério Público do Trabalho do Distrito Federal (MPT-DF) ajuizou uma ação civil pública contra o Burger King, resultando em uma condenação de R\$ 1 milhão por dano moral coletivo devido à prática de fornecer lanches da rede aos funcionários diariamente, o que foi considerado uma violação do direito à saúde dos trabalhadores⁵¹. A Terceira Turma do TST também condenou a Zamp S.A., operadora do Burger King, a pagar indenização a um funcionário que foi forçado a trocar etiquetas de validade de produtos vencidos, e muitas vezes foi obrigado a consumir esses produtos⁵². Esses casos demonstram que, apesar dos esforços para promover uma imagem sustentável, as práticas de exploração e abuso continuam a ser uma realidade significativa dentro dessas empresas.

Adams demonstra, por meio de uma análise histórica e mitológica, como a divisão tradicional de gênero, com o homem como caçador e a mulher como coletora, moldou a construção social da masculinidade, associando-a à força, ao domínio e à violência. Para ilustrar de que maneira a dieta carnívora reforça a construção social da masculinidade, Martins aponta que:

O consumo de carne vermelha e processada pelos homens ultrapassa o recomendado para uma dieta saudável. Esse consumo excessivo é reforçado pela representação do masculino na sociedade, estando a carne associada às características ditas masculinas em uma sociedade patriarcal, como força, poder e virilidade. A construção social do gênero e a manutenção do masculino demanda constantes performances, dessa forma, o homem precisa provar diariamente sua masculinidade através de “ações másculas”, entre essas ações estaria o consumo excessivo de carne vermelha, preferencialmente a bovina.⁵³

O homem come carne porque necessita “ser forte”, Adams discute que, tradicionalmente, acredita-se que a força é essencial para o trabalhador. Esta crença é sustentada por uma superstição: a ideia de que consumir o músculo de animais fortes nos tornaria também fortes. De acordo com a mitologia da cultura patriarcal, a carne é vista como um promotor de

⁵⁰ FERNANDES, Flávia Carolina. McDonald's é condenado na justiça por expor menores de idade a condições de risco no trabalho. *Revista Fórum*, 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/7/5/mc-donalds-condenado-na-justica-por-expor-menores-de-idade-condies-de-risco-no-trabalho-138987.html>. Acesso em: 9 set. 2024.

⁵¹ Justiça proíbe Burger King de alimentar funcionários diariamente com fast food. *IstoÉ Dinheiro*. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/justica-proibe-burger-king-de-alimentar-funcionarios-diariamente-com-fast-food/>. Acesso em: 11 set. 2024.

⁵² RAMOS, Marien. Rede de fast food é condenada por mandar empregado burlar validade de produtos. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/rede-de-fast-food-e-condenada-por-mandar-empregado-burlar-validade-de-produtos/#:~:text=Rede%20de%20fast%20food%20%C3%A9%20condenada%20por%20mandar%20empregado%20burlar%20validade%20de%20produtos>. Acesso em: 11 set. 2024.

⁵³ MARTINS, Débora Sanches. Consumo de carne bovina e a questão de gênero. 2019. p.6. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/0006ce4b-8a8d-4454-8eb9-bc00c06d6125/content>. Acesso em: 23 out. 2024.

força, associando o consumo desses alimentos à aquisição dos atributos considerados masculinos. A associação entre força e consumo de carne é refutada por Adams:

Visões de esportistas carnívoros - jogadores de futebol, boxeadores- sustentam no nosso cérebro a identificação. Embora esportista vegetarianos _inclusive levantadores de peso e boxeadores- tenham demonstrado que a identificação é falaciosa, o mito permanece: os homens são fortes, os homens precisam ser fortes, logo, os homens precisam de carne. A evocação literal do poder masculino é encontrada no conceito de carne.⁵⁴

Essa ideia ganha relevância quando se considera o documentário “Dieta de Gladiadores” (*Game Changers*), produzido por James Cameron e Arnold Schwarzenegger. O documentário apresenta uma dieta baseada apenas em plantas como uma escolha ideal para atletas, destacando como dietas veganas podem melhorar significativamente a saúde geral e o desempenho atlético⁵⁵.

É comum pensar que comer a carne de um animal forte nos torna mais fortes; no entanto, isso levanta uma questão interessante sobre o consumo de carnívoros. O Minuto da Terra publicou recentemente um vídeo que discute as várias razões pelas quais evitamos comer animais carnívoros.⁵⁶

1. A segurança alimentar é comprometida pelo consumo de carne de animais carnívoros, pois estes acumulam em seus tecidos diversos patógenos e substâncias tóxicas, representando um risco significativo para a saúde humana, pois aumentam a probabilidade de várias doenças.
2. A dieta rica em proteína e baixa em gordura de carnívoros resulta em uma carne mais magra e menos suculenta. A qualidade da carne pode variar amplamente dependendo da alimentação do animal, como exemplo a diferença de sabor entre ursos que se alimentam de frutas e peixes.
3. A criação de carnívoros para consumo é um processo ineficiente, pois exige uma quantidade desproporcional de recursos. Enquanto herbívoros convertem diretamente a energia das plantas em carne, a criação de carnívoros envolve uma longa cadeia alimentar, resultando em um desperdício considerável.
4. A cultura e a espiritualidade desempenham um papel crucial na nossa aversão a certos alimentos. Muitas religiões, como o judaísmo e o islamismo, proíbem o consumo de carnívoros, estabelecendo normas alimentares que transcendem questões puramente nutricionais.

⁵⁴ ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 1.ed. São Paulo: Alaúde, 2012, p.68.

⁵⁵ Segundo a análise de *Metrópoles* (2020), o filme foi acusado de utilizar estudos com amostras pequenas e resultados inconclusivos, o que limita a validade das suas conclusões.

CONTAIFER, Juliana. Dieta de gladiadores: checamos 5 estudos do documentário da Netflix. *Metrópoles*, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/dieta-de-gladiadores-checamos-5-estudos-do-documentario-da-netflix>. Acesso em: 12 set. 2024.

⁵⁶ MINUTO DA TERRA. Por que não comemos animais carnívoros? *YouTube*, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7thwomSsEg>. Acesso em: 21 nov. 2024.

A escolha de consumir animais dóceis e não-predadores, segundo Rousseau, é mais do que uma simples preferência alimentar. É uma expressão de uma moralidade que justifica a dominação e a exploração. Ao escolhermos aqueles que não oferecem resistência, estamos reforçando uma hierarquia moral que coloca os humanos no topo da cadeia alimentar e os animais em uma posição de inferioridade.

Os animais que você come não são aqueles que devoram outros, você não come as bestas carnívoras, você as toma como padrão. Você só sente fome pelas criaturas doces e gentis que não ferem ninguém, que o seguem, o servem, e que são devoradas por você como recompensa de seus serviços.⁵⁷

Essa escolha alimentar, portanto, reflete não apenas gostos pessoais, mas também uma construção social que legitima a exploração de seres que, por sua natureza pacífica, são facilmente dominados. Rousseau aponta que a própria docilidade, percebida como uma virtude, se converte no pretexto para a exploração. A valorização da docilidade coloca esses animais em uma posição de vulnerabilidade, tornando-os alvos fáceis da dominação humana. Essa hierarquia moral também se manifesta na aversão ao consumo de animais domésticos, como cães e gatos, que são frequentemente vistos como membros da família. Essa distinção revela a arbitrariedade das nossas escolhas, onde a conexão emocional com determinados animais nos impede de vê-los como alimentos, enquanto aceitamos a exploração de outros que consideramos inferiores.

Dietas à base de plantas costumam ser vistas como fracas ou inadequadas para o ideal masculino, que frequentemente está ligado a uma alimentação rica em carne. Essa percepção ilustra a associação entre dietas vegetarianas e o gênero feminino, refletindo construções sociais e relações de poder. Como observa Carol Adams, “verduras, legumes e outros alimentos que não a carne são considerados comida de mulher, o que leva os homens a repudiá-los”. Essa associação, enraizada em estereótipos de gênero, confere à carne um valor simbólico de masculinidade, força e poder.

Ao categorizar determinados alimentos como “comida de mulher”, a sociedade impõe uma hierarquia alimentar que desvaloriza as opções vegetais. "Uma vez que os legumes e verduras são considerados comida de mulher, por extensão eles passam a ser considerados 'femininos', passivos", continua Adams. Essa associação negativa com o feminino contribui para a marginalização das dietas vegetarianas e reforça a ideia de que a carne é essencial para uma dieta completa e saudável.

⁵⁷ ROUSSEAU, Jean J. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995, p. 1222.

A escolha por uma dieta vegetariana desafia essa ordem estabelecida e ameaça as estruturas de poder subjacentes. Como afirma Adams, “Retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura patriarcal mais ampla”. Ao optar por uma alimentação à base de plantas, indivíduos questionam as normas sociais e os papéis de gênero, desafiando a associação entre masculinidade e consumo de carne.

Pesquisas confirmam a conexão entre escolhas alimentares e percepções de gênero. Indivíduos que seguem dietas ricas em carne tendem a ser vistos como mais masculinos em comparação àqueles que optam por dietas vegetarianas. Por outro lado, a preferência por alimentos à base de plantas está associada a um maior grau de feminilidade. Essa percepção reforça a noção de que a carne carrega um status simbólico que vai além da nutrição, representando poder e domínio.

Embora a carne simbolize poder e domínio, a rejeição dela, ou o vegetarianismo, pode acabar reforçando ainda mais a cultura de consumo de carne. Ao desafiar essa norma, os vegetarianos frequentemente enfrentam preconceitos e questionamentos sobre a adequação de suas dietas. Essa resistência à mudança contribui para a manutenção do status quo e perpetua a ideia de que a carne é um componente essencial da alimentação humana.

A linguagem utilizada para descrever a carne desempenha um papel crucial na naturalização do consumo de carne e na manutenção de uma cultura de violência. Ao utilizar eufemismos e metáforas, mascaramos a realidade da morte e do sofrimento animal. Ao objetificar e sexualizar a carne, contribuímos para a desumanização dos animais e para a perpetuação de um sistema opressor.

A objetificação da mulher e a coisificação do animal, que mais tarde se transforma em carne, estão interligadas em um ciclo de opressão patriarcal. Esse processo é mediado pela linguagem, onde o conceito de “referente ausente” age como um véu que separa a carne do animal vivo, como no caso da vaca que corre pelo campo e o pedaço de hambúrguer disponível para venda.⁵⁸ As relações de submissão e dominação estão presentes tanto na exploração dos animais quanto na opressão vivenciada pelas mulheres. De acordo com Adams, a transformação de um animal em carne é um processo de desumanização que o reduz a um mero objeto de consumo. Ao atribuir novos nomes aos corpos mortos dos animais, como bife, hambúrguer, picanha ou costela, apagamos sua individualidade e sua vida.

Esse mesmo mecanismo é aplicado às mulheres, que são objetificadas e transformadas em corpos passivos e comestíveis, perdendo sua identidade e humanidade. Adams argumenta que cada refeição com carne carrega a ausência do animal que foi sacrificado, refletindo uma

⁵⁸ FERNANDES, Ana Clara Soares. *A interseção entre o veganismo e o feminismo*. Revista Discente Planície Científica, Campos dos Goytacazes, RJ, 2020, p.158

dinâmica de opressão que se manifesta tanto na exploração dos animais quanto na opressão das mulheres. Essa conexão mostra um sistema de poder que desvaloriza tanto os corpos femininos quanto os animais, transformando-os em objetos de consumo e prazer.

A linguagem, nesse contexto, desempenha um papel importante ao esconder as relações de poder e normalizar a violência. Ao transformar a carne em um produto apolítico e a mulher em um objeto de desejo, a linguagem contribui para a manutenção de um sistema opressor. A desconexão entre o consumidor e o alimento, promovida pela linguagem, facilita a perpetuação de práticas cruéis e desumanas.

CAPÍTULO III - DESIGUALDADE DE GÊNERO E O REFERENTE AUSENTE

A desigualdade de gênero refere-se às disparidades no tratamento, nas oportunidades e no poder entre homens e mulheres, baseadas em normas e estereótipos sociais que atribuem papéis e valores distintos a cada gênero. O conceito de gênero surgiu na década de 1970, fruto do movimento feminista, a fim de mostrar que as diferenças entre homens e mulheres não é biológica, mas social.

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, faz uma distinção crucial entre sexo biológico e gênero ao afirmar que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino”⁵⁹. Ou seja, a feminilidade não é inerente, mas uma construção social que coloca as mulheres em uma posição de subordinação em relação aos homens, considerada o padrão autêntico e dominante. Esse sistema patriarcal molda as mulheres para ocuparem o papel de “Outro”, confinando-as à esfera privada e aos cuidados domésticos, enquanto os homens são encorajados a buscar autonomia e controle sobre suas vidas.

Judith Butler⁶⁰, em *Atos Performativos e Constituição de Gênero*, complementa essa análise ao sugerir que o gênero não é algo fixo ou imutável, mas sim uma construção social contínua. Por meio de atos repetitivos, como formas de falar, vestir-se e comportar-se, as pessoas “performam” seu gênero, em conformidade com as normas sociais. Essa performatividade molda a identidade de gênero, que se torna uma “encenação” constante.

O gênero não está relacionado ao sexo biológico, é a performance de padrões comportamentais ensinados e reproduzidos na sociedade. Homens e mulheres possuem papéis na sociedade, o papel do homem sempre esteve relacionado a sua força física e o da mulher, a submissão.

Por trás de toda refeição com carne há uma ausência: a morte do animal cujo lugar é ocupado pela carne. O “referente ausente” é o que separa o carnívoro do animal e o animal do produto final. A função do referente ausente é manter a nossa “carne” separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal, manter longe da refeição o “múuu” ou o “báaa”, evitar algo que seja visto como tendo sido um ser. Uma vez que a existência da carne é desligada a existência de um animal que foi morto para se tornar “carne”, esta fica desancorada do seu referente original (o animal), tornando-se, em vez disso, uma imagem que não está ligada a nada, imagem essa usada frequentemente para refletir o status feminino, assim como o dos animais. Os animais são o

⁵⁹ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 8.

⁶⁰ BUTLER, Judith. *Atos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. Tradução por Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 8 out. 2024. Butler introduz o conceito de performatividade de gênero, revolucionando os estudos sobre identidade e sexualidade.

referente ausente no ato de comer carne; tornam-se também o referente ausente nas imagens de mulheres subjugadas, fragmentadas ou consumíveis.⁶¹

Um dos conceitos centrais da obra de Carol J. Adams é o “referente ausente”, onde ela investiga a ligação entre a opressão de mulheres e de animais. Para Adams, o referente ausente é o processo de ocultação da identidade e da experiência dos seres explorados, humanos ou não humanos, o que sustenta uma narrativa que facilita sua exploração e consumo. Esse conceito se refere ao “apagamento” dos animais no processo e consumo de carne. Quando a carne chega ao prato, o animal que foi sacrificado para produzi-la já foi simbolicamente esquecido.

Por meio de retalhamento, os animais se tornam referentes ausentes. Os animais com nome e corpo tornam-se ausentes como animais para que a carne exista. A vida dos animais precede e possibilita a existência de carne. Se eles estiverem vivos, não poderão ser carne. Assim, o corpo morto substitui o animal vivo. Sem animais não haveria consumo de carne, mas eles estão ausentes do ato de comer carne, por terem sido transformados em comida.⁶²

Adams descreve três maneiras pelas quais os animais se tornam “referentes ausentes”. A primeira é literal, ao consumirmos carne, os animais estão fisicamente ausentes, pois já foram mortos. A segunda é conceitual, em que alteramos a forma de nos referirmos a eles, utilizando termos como “bezerros” ou “novilhos” ao invés de “filhotes”. A terceira é metafórica, na qual os animais passam a ser usados como metáforas para experiências humanas.

Quando o referente ausente se torna metáfora, seu significado é elevado a função “mais alta” ou mais imaginativa do que a própria existência poderia merecer ou revelar. Um exemplo disso é quando mulheres vítimas de estupro ou espancadas dizem: “Eu me senti como um pedaço de carne”.⁶³

Através da metáfora, os animais podem ser apagados, permitindo que deixem de ser percebidos como seres sencientes, enquanto a carne surge como uma mercadoria. Do mesmo modo como os corpos mortos estão ausentes da nossa linguagem sobre a carne, nas descrições da violência cultural as mulheres também são, muitas vezes, o referente ausente.⁶⁴ A exploração dos animais e a opressão das mulheres compartilham uma base comum na forma como seus corpos são vistos: como disponíveis para o uso e controle masculino.

⁶¹ ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde, 2012, p. 24.

⁶² *Ibid.* p. 79.

⁶³ *Ibid.* p. 79.

⁶⁴ *Ibid.* p. 80.

Por meio da objetificação, a individualidade e os interesses de um ser são apagados, fazendo com que sua vida ou corpo existam apenas para servir a outro. Essa dinâmica não se limita aos seres humanos; os animais também são objetificados dentro dessa lógica. Eles não são vistos como seres com valor próprio, mas como objetos para atender às necessidades humanas, "dando" leite, ovos e outros produtos. Assim, tanto mulheres quanto animais são despersonalizados e transformados em recursos a serem explorados, sem que suas vidas ou vontades sejam levadas em consideração.

De acordo com Carol, quando a existência da carne é desligada da existência de um animal que foi morto para se tornar "carne", esta se desconecta do seu referente original (o animal), tornando-se uma imagem que não está mais ligada a nada. Dessa forma, os animais são o referente ausente no ato de comer carne. Igualmente temos o referente ausente nas imagens de mulheres subjugadas, fragmentadas ou consumíveis, como em revistas, filmes ou publicidades que mostram apenas suas partes (boca, seios, pernas, nádegas, genitais) como se essas partes não estivessem conectadas a um todo, como se não pertencessem a alguém.⁶⁵

Segundo Adams, a violência sexual e o consumo de carne, embora pareçam fenômenos distintos, estão interligados por uma mesma lógica de dominação. Adams argumenta que, quando pensamos na violência contra mulheres, frequentemente recorremos a metáforas que remetem ao tratamento dado aos animais. Essa relação evidencia uma ligação entre a forma como a sociedade trata mulheres e animais, ambos submetidos a uma cultura que os objetifica e desumaniza.

A violência sexual e o consumo de carne, que parecem ser formas distintas de violência, têm no referente ausente um ponto de interseção. As imagens culturais de violência sexual e a violência sexual real, frequentemente repousam no nosso conhecimento de como os animais são retalhados e comidos [...] Assim, quando mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado aos animais é lembrado.⁶⁶

Embora a violência sexual muitas vezes seja relacionada as mulheres, essa violência ocorre de forma frequente com os animais não humanos. Na indústria agropecuária, o uso de práticas como a inseminação artificial em animais fêmeas, especialmente bovinos e suínos, é um procedimento rotineiro que perpetua o ciclo de exploração de seus corpos, e quando seus corpos já não aguentam mais se reproduzir, depois de uma vida de tortura, elas são mortas e seus corpos terminam de ser consumidos.

⁶⁵ MONNERAT, Leila. "A política sexual da carne: como o consumo de animais é símbolo e instrumento do patriarcado". Mídia Ninja. Disponível em: <https://midianinja.org/opiniao/a-politica-sexual-da-carne-como-o-consumo-de-animais-e-simbolo-e-instrumento-do-patriarcado/>. Acesso em: 6 out.2014.

⁶⁶ ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde, 2012. p. 81.

Assim como a carne é o referente ausente dos animais, as mulheres tornam-se referentes ausentes em casos de violência sexual, que acontece constantemente contra elas. Suas experiências passam a ser utilizadas como metáforas, ignorando a dor que essas experiências representam. Adams descreve como isso ocorre:

O estupro, em particular, carrega um imaginário tão vigoroso que muitas vezes a palavra é emprestada da experiência literal das mulheres e aplicada metaforicamente a outros casos de devastação violenta, como o “estupro” da terra nos textos ecológicos do início da década de 1990. A experiência das mulheres torna-se assim um veículo para descrever outras opressões. As mulheres, sobre cujo corpo o estupro muitas vezes é efetivamente cometido, tornam-se o referente ausente quando a linguagem da violência sexual é usada metaforicamente. Esses termos lembram as experiências das mulheres, mas não as mulheres.⁶⁷

Embora não pareça que violência sexual e o consumo de carne estão relacionadas, Adams argumenta que ambas são manifestações de um mesmo sistema opressor. Ela argumenta que a violência masculina, tanto em relação às mulheres quanto aos animais, é uma forma de exercer poder e controle, enraizada em normas sociais patriarcais.

Para reunir o principal objeto deste capítulo – a questão da violência sexual e do consumo de carne como opressões entrelaçadas e o seu ponto de interseção no referente ausente –, é instrutivo considerar os incidentes da violência masculina. Os homens que batem em mulheres, os estupradores, os assassinos em série e os que cometem violência contra crianças têm vitimizado animais. Fazem isso por diversas razões: os estupradores podem usar o animal para intimidar, coagir, controlar ou violentar uma mulher. Os assassinos em série frequentemente se iniciam na violência praticando-a nos animais.⁶⁸

No documentário da Netflix *Don't F**k With Cats: Uma Caçada Online*, o argumento de Adams sobre a conexão entre a violência contra animais e humanos se torna evidente. A história se inicia quando um homem anônimo publica um vídeo em que mata dois gatinhos, gerando indignação e mobilização global de usuários da internet que buscam identificar o responsável. Conforme o autor percebe o aumento da atenção ao seu conteúdo, ele intensifica suas ações, postando vídeos cada vez mais perturbadores até cometer um homicídio.

Após o Dia das Crianças ocorreu um incidente envolvendo um menino de 9 anos que invadiu uma clínica veterinária e causou a morte de 23 animais⁶⁹. Em 40 minutos, o menino atacou os animais de uma fazendinha recém-inaugurada, arremessando coelhos contra as

⁶⁷ ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde, 2012. p. 81.

⁶⁸ *Ibid.* p. 82.

⁶⁹ Fonte: Criança de 9 anos invade clínica veterinária e esquarteja 23 animais; Câmera de segurança flagrou ação. O Globo, 15 de outubro de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/10/15/crianca-de-9-anos-invade-veterinaria-e-esquarteja-23-animais-camera-de-seguranca-flagrou-acao.ghml>. Acesso em: 15 de outubro de 2024.

paredes e mutilando-os, alguns chegando a ser esquartejados. As imagens das câmeras de segurança repercutiram na internet chocando milhares de pessoas, gerando a discussão sobre esse padrão de comportamento em crianças.

Embora no Brasil casos parecidos não sejam considerados indicadores de comportamentos violentos futuros, existem pesquisadores que buscam alertar como esse comportamento é perigoso para a sociedade. A jornalista Fátima Chuecco, por exemplo, publicou na ANDA (Agência de Notícias de Direitos Animais) uma série de matérias baseadas em pesquisas, entrevistas e reflexões que visam conscientizar a sociedade e as autoridades sobre o perigo representado por indivíduos que cometem assassinatos em série ou massacres contra animais.

Segundo estudos do FBI, na sua grande maioria (cerca de 80%), os psicopatas começam a carreira matando animais. Por isso, em países como Estados Unidos e Inglaterra, os matadores de animais já são tratados e julgados de forma diferenciada que avança para muito além do crime de maus-tratos a animais. Nesses locais já se entende que deter esses indivíduos ou monitorá-los, quando começam a matar animais na infância, representa uma medida preventiva, de proteção não somente aos animais, mas a toda a sociedade.⁷⁰

Outro conceito apresentado por Adams é o referente superposto, um mecanismo psicológico e social que oculta a categoria dos animais, sobrepondo-a a outras, como a das mulheres. Dessa forma, a violência contra os animais, em vez de ser reconhecida como um problema, é frequentemente justificada e naturalizada através de comparações com outras formas de opressão, como a violência de gênero. Essa comparação não apenas diminui a gravidade da exploração animal, como também reforça a aceitação de ambas as violências, sustentando sistemas de poder que dominam e controlam tanto mulheres quanto animais.

Pelo fato de a estrutura do referente superpostos estar muito arraigada na cultura ocidental, ela inevitavelmente enreda os indivíduos. Nossa participação se desenvolve como parte da internalização dos padrões e pontos de vista culturais, e assim deixamos de ver algo perturbador na violência e no domínio que são partes inextricáveis dessa estrutura.⁷¹

A estrutura dos referentes superpostos, profundamente enraizada na cultura ocidental, inevitavelmente envolve os indivíduos. Conforme Adams destaca, ao assimilarmos os padrões culturais predominantes, acabamos aceitando sem questionar as práticas de violência e dominação que são componentes essenciais dessa estrutura. Assim, deixamos de ver a violência

⁷⁰ CHUECCO, Fátima. Assim começa a carreira de um psicopata. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/assim-comeca-a-carreira-de-um-psicopata/180463015#:~:text=Segundo%20estudos%20do%20FBI%2C%20na,de%20maus%20tratos%20a%20animais>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁷¹ ADAMS, Carol J. A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde, 2012. p. 82.

como um fator perturbador, tornando-nos, de certa forma, coniventes com a perpetuação da opressão.

Consequentemente, as mulheres comem carne, trabalham em matadouros, de vez em quando tratam outras mulheres como “carne”, e os homens de vez em quando são vítimas de violência sexual. Além disso, dado que ao comerem carne as mulheres participam e se beneficiam do mesmo modo que os homens da estrutura do referente ausente, elas não atingem distância pessoal que lhes permitiria perceber seu envolvimento na estrutura e a opressão original dos animais que estabelece a força da metáfora do retalhamento.⁷²

O conceito de referente superposto permite que a linguagem e a cultura naturalizem a violência contra mulheres e animais. Ao naturalizar diferentes formas de opressão, a sociedade perpetua um ciclo de silenciamento e corroboração, dificultando a responsabilização dos agressores e contribuindo para a manutenção da violência.

Esse silenciamento estrutural de mulheres e animais está diretamente relacionado ao conceito de referente ausente de Adams. Em relação à exploração animal, o referente ausente refere-se à maneira como os animais são apagados do processo de produção de alimentos e outros produtos, de modo a eliminar seu sofrimento do ponto de vista humano. Igualmente, o silenciamento das mulheres na sociedade patriarcal se dá através da exclusão de suas vozes das narrativas dominantes, onde suas experiências e realidades são deixadas de fora das discussões públicas e políticas.

O patriarcado, com sua lógica de dominação, desumaniza tanto mulheres quanto animais, transformando-os em meros objetos disponíveis para consumo e prazer. Esta objetificação é intensificada por uma cultura que legitima a exploração e a violência, afetando não apenas os animais, mas também as mulheres, frequentemente vistas como objetos em diversos aspectos da vida. Uma pesquisa recente reforça essa percepção, mostrando que grande parte das mulheres no Brasil acredita viver em um país machista. Isso é evidente em estados como Bahia (53%), Pernambuco (53%) e Rio de Janeiro (55%), superando a média nacional de 46% de mulheres que sentem desrespeitadas⁷³.

Assim como as mulheres foram silenciadas durante séculos de opressão, os animais também foram privados de qualquer agência ou reconhecimento moral, sendo considerados seres sem subjetividade, cujas dores e existências são consideradas insignificantes. Esse silenciamento ocorre em diversas esferas — do ambiente doméstico à esfera pública — e é

⁷² ADAMS, Carol J. A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde, 2012. p. 82.

⁷³ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. “62% das brasileiras consideram o Brasil um país muito machista. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/62-das-brasileiras-consideram-o-brasil-um-pais-muito-machista/>. Acesso em: 11 out. 2024.

intensificado por estruturas sociais e legais que descredibilizam as vozes femininas. Igualmente, os animais enfrentam um silenciamento ainda mais severo. Ao longo dos séculos, as mulheres batalharam para conquistar seu espaço de fala, enquanto os animais permaneceram sem voz na sociedade humana, sem qualquer reconhecimento moral ou político.

Embora existam no Brasil leis como a Maria da Penha⁷⁴, a do Feminicídio⁷⁵ e a proibição da importunação sexual feminina⁷⁶, a impunidade continua sendo a raiz da violência contra mulheres e animais. Pesquisas recentes apontam que em 2023, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência a cada 24 horas, 68% das brasileiras conhecem uma amiga, familiar ou conhecida que já sofreu violência doméstica⁷⁷. Além disso, no mesmo ano, 1.467 mulheres foram mortas apenas por serem mulheres, com 90% desses crimes cometidos por homens, frequentemente companheiros ou ex-companheiros das vítimas.⁷⁸

A impunidade pode ser observada desde a baixa taxa de denúncias até a incapacidade do sistema de justiça de proteger as vítimas e punir os agressores. Existem motivos para que as muitas mulheres não denunciem seus agressores: por haver uma dependência afetiva e econômica de seu parceiro; por terem medo de possíveis novas agressões; ou ainda por falta de confiança nas instituições públicas responsáveis, pois estas carregam vestígios da ideologia patriarcalista.⁷⁹ Além disso, muitas vezes a culpa recai sobre a vítima e os motivos alegados são, na maioria das vezes, que a mulher provocou seu algoz: ou usando roupa provocativa, ou pintando os lábios de vermelho, ou andando na rua em hora e lugar não protegidos para indivíduos do sexo feminino.⁸⁰

A sociedade, em sua estrutura patriarcal, escolhe as práticas que são aceitas e aquelas que não são. Como observado por Pluz, isso se reflete na maneira como diferentes espécies de animais são tratadas. Dessa forma, cria-se uma separação que diminui a visibilidade e, conseqüentemente, diminui a proteção dos seres usados na produção de alimentos, roupas e

⁷⁴ Lei Maria da Penha, em 2006, que trata da violência doméstica

⁷⁵ Lei nº 14.994/2024, sancionada em 9 de outubro de 2024

⁷⁶ Lei 13.718/18 em 24 de setembro de 2018

⁷⁷ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. “68% das brasileiras têm uma amiga, familiar ou conhecida que já sofreu violência doméstica”. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/68-das-brasileiras-tem-uma-amiga-familiar-ou-conhecida-que-ja-sofreu-violencia-domestica/>. Acesso em: 11 out. 2024.

⁷⁸ AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. “Em 2023, 1.467 mulheres foram mortas apenas por serem mulheres; 90% dos crimes foram cometidos por homens”. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/em-2023-1-467-mulheres-foram-mortas-apenas-por-serem-mulheres-90-dos-crimes-foram-cometidos-por-homens/>. Acesso em: 11 out. 2024.

⁷⁹ CORDEIRO, Débora Cristina da Silva. Por que algumas mulheres não denunciam seus agressores? *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), v. 27, 2018. p.380.

⁸⁰ COLLING, A. M. Violência contra as mulheres: herança cruel do patriarcado. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. Especial, p. 171–194, 2020. p.176. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.10944>. Acesso em: 12 out. 2024.

outros produtos. Frequentemente, os animais de fazenda são negligenciados nas discussões sobre direitos e proteção, sendo vistos apenas como ferramentas para benefício humano.

Ocorre que a sociedade escolhe as práticas que são aceitas e as que não são, assim como algumas espécies que merecem maior proteção, como os animais de companhia. Enquanto isso, os animais de fazenda, que são claramente percebidos como produtos ou commodities, acabam por serem menos visíveis e, portanto, merecerem menor proteção.⁸¹

Em relação aos animais, também é comum a impunidade. Frequentemente, atos de crueldade, maus-tratos e abuso de animais não geram consequências jurídicas e, quando ocorrem, as consequências costumam ser leves, tendo como resultado uma detenção de três meses a um ano, a pena pode ser agravada caso ocorra contra cães e gatos e se houver o óbito do animal.

Flynn (2012) argumenta que há motivos pelos quais os maus-tratos aos animais são historicamente ignorados: a) animais têm menor valor que pessoas; b) outros assuntos recebem mais importância de pesquisadores; c) menor cobertura da mídia causa a sensação de que os abusos contra animais são raros; d) violência contra animais é, em geral, explicada com discurso de um problema individual e patológico; e) a existência de formas aceitáveis de violência contra animais (como experimentação, caça e consumo de carne) provoca o desinteresse pelas formas condenáveis de violência; e f) animais não falam por si próprios.⁸²

Para os animais, a invisibilização da violência é uma característica estrutural. Adams defende que paralelo à relação eliminada entre metáfora e referente é o papel não reconhecido da fragmentação no consumo da carne. Nossa mente se desloca do ser convertido em objeto para a comida consumível. Eliminam-se as ações de fragmentar, matar e dividir. Na verdade, a cultura patriarcal cerca de silêncio o retalhamento real.⁸³ Indústrias que exploram animais empenham-se intensamente para manter suas práticas longe do conhecimento público. Em abatedouros, laboratórios e fazendas industriais, a violência ocorre em espaços fechados e inacessíveis ao público, o que dificulta a criação de uma consciência social crítica sobre o sofrimento animal. Os matadouros são estruturas enclausuradas. Não vemos nem ouvimos o que acontece ali. Isso faz com que o consumo pareça acontecer imediatamente depois da objetualização, pois o próprio consumo foi tornado objeto.⁸⁴

O processo de coisificação ou objetificação da natureza, em especial dos animais, proporcionou ao ser humano a exploração e o uso dos animais sem qualquer tipo de culpa,

⁸¹ PULZ, Renato Silvano. A questão do abate de animais no direito penal brasileiro: análise do bem-estar animal e da dignidade humana. *Revista Jurídica Luso-Brasileira*, Coimbra, v. 5, p. 1259-1327, 2022. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/5/2022_05_1259_1327.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

⁸² *Ibid.* p. 18.

⁸³ ADAMS, Carol J. A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde, 2012. p. 90.

⁸⁴ *Ibid.* p. 90.

sendo até regulamentado pelo Direito.⁸⁵ Por exemplo, a vaquejada é considerada uma manifestação cultural e esportiva tradicional no Brasil que é legalmente permitida. No entanto, o Supremo Tribunal Federal (STF)⁸⁶ já determinou que a prática é ilegal, alegando que ela causa sofrimento aos animais e viola princípios constitucionais. Mesmo assim, em 2017, o Congresso Nacional aprovou a Emenda Constitucional 96, reconhecendo os esportes equestres como patrimônio cultural do Brasil. Posteriormente, em 2019, o então presidente Jair Bolsonaro sancionou a Lei 13.873/19, que regulamenta a vaquejada, o rodeio e o laço, classificando essas atividades como patrimônio cultural de natureza imaterial.⁸⁷

Embora o movimento de proteção animal no Brasil tenha ganhado força ao longo dos anos, ele se depara com obstáculos como a falta de conscientização do público, a implementação irregular das leis, a escassez de recursos e uma cultura que glorifica práticas de exploração, como a vaquejada e os rodeios. É preciso investir em campanhas de conscientização, aprimorar leis, atrair mais recursos para ONGs que acolhem e protegem os animais, combater o especismo.

Os defensores dos direitos dos animais estão gradativamente conseguindo conscientizar as pessoas, um exemplo disso, é o curta-metragem *Salve o Ralph*⁸⁸, dirigido por Spencer Susser. O filme, que estreou em abril de 2021, conta a história de Ralph, um coelho usado como cobaia em experimentos cosméticos, com a finalidade de alertar o público sobre a crueldade desses testes. A hashtag #SaveRalph rapidamente se tornou viral nas mídias sociais, integrando uma campanha mundial da Humane Society International para reivindicar o fim dos testes em animais. Apesar de 40 países, incluindo o Brasil, já tenham proibido essa prática, ainda existem brechas legais que permitem que ingredientes cosméticos sejam testados em animais.

É importante ressaltar que, tal como a violência de gênero e a violência contra a animais, a violência contra crianças também está relacionada à sensação de vulnerabilidade e incapacidade das vítimas. A violência contra crianças e animais provoca reações de indignação na sociedade, em especial porque são percebidos como seres indefesos e vulneráveis. Todavia,

⁸⁵PULZ, Renato Silvano. A questão do abate de animais no direito penal brasileiro: análise do bem-estar animal e da dignidade humana. *Revista Jurídica Luso-Brasileira*, Coimbra, v. 5, p. 1259-1327, 2022. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/5/2022_05_1259_1327.pdf. Acesso em: 16 out. 2024. p.56.

⁸⁶VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. STF julga no dia 26 ação que questiona permissão a vaquejadas. *TV Globo*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/17/stf-julga-no-dia-26-acao-que-questiona-permissao-a-vaquejadas.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2024.

⁸⁷JÚNIOR, Janary. Nova lei regulamenta vaquejada e rodeio; texto prevê proteção aos animais. *Câmara dos Deputados*, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/586617-nova-lei-regulamenta-vaquejada-e-rodeio-texto-preve-protecao-a-animais>. Acesso em: 15 out. 2024.

⁸⁸DUARTE, Sofia. *Salve o Ralph*: filme mostra crueldade de testes cosméticos em animais. *Capricho*, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/salve-o-ralph-filme-mostra-crueldade-testes-cosmeticos-em-animais>. Acesso em: 15 out. 2024.

são os maus-tratos e negligência físicas que ganham importância em detrimento do sofrimento emocional.⁸⁹

A sociedade costuma se indignar com maus-tratos físicos contra mulheres e crianças, mas frequentemente ignoram o sofrimento animal, sem considerar que eles também sentem dor. Animais não humanos, assim como crianças que ainda não desenvolveram plenamente a linguagem, reagem ao sofrimento de maneira instintiva. Diante da dor, tentam se esquivar e fugir da fonte de desconforto, demonstrando uma resposta que evidencia a capacidade de sentir, mesmo sem a habilidade de articular suas experiências verbalmente.⁹⁰

Adams, ao afirmar que há uma ligação entre especismo e sexismo, mulheres e animais, está apontando que a opressão de mulheres e animais é um aspecto comum de um sistema patriarcal que as coisificam e as objetificam. Reconhecer a opressão que mulheres, crianças e animais sofrem é crucial para lutar contra esse sistema. É necessário que a causa feminista tenha consciência dessa conexão, para que a luta contra patriarcado seja unificada, possibilitando a quebra das correntes que nos aprisionam e a libertação tanto das mulheres quanto dos animais.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou explorar as interseções entre feminismo e veganismo, destacando como a opressão patriarcal afeta tanto as mulheres quanto os animais não humanos. Para essa análise, utilizou-se a obra *A Política Sexual da Carne*, de Carol Adams, como base teórica principal, que complementada com outros textos sobre o feminismo e a ética animal. Além disso, foram analisadas notícias e documentários sobre os assuntos, que buscaram evidenciar a ligação entre feminismo e veganismo. Através dessas notícias é possível identificar exemplos concretos que ilustram os conceitos que foram abordados no trabalho.

No primeiro capítulo foi apresentada uma introdução ao movimento feminista, abordando sua história, principais lutas e conquistas ao longo dos anos. Em seguida, no segundo capítulo, foi discutido como o consumo de carne está relacionado ao poder patriarcal. Por fim, no terceiro capítulo, foi abordada a relação entre mulheres e animais através do conceito de referente ausente, evidenciando as conexões entre as estruturas de opressão que sustentam a exploração de ambos.

⁸⁹ PULZ, Renato Silvano. A questão do abate de animais no direito penal brasileiro: análise do bem-estar animal e da dignidade humana. *Revista Jurídica Luso-Brasileira*, Coimbra, v. 5, p. 1259-1327, 2022. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2022/5/2022_05_1259_1327.pdf. Acesso em: 16 out. 2024. p.32.

⁹⁰ MEDEIROS, Géssyca Deize Santos. Ética, igualdade e defesa dos animais em Peter Singer. *Revista Instante*, Campina Grande-PB, Brasil, v. 2, n. 1, p. 22-41, 2019. p. 32.

A partir da análise da obra *A Política Sexual da Carne*, foi possível compreender que práticas culturais como o consumo de carne estão relacionadas a sistemas de dominação que naturalizam a objetificação de corpos vulneráveis. Ou seja, as estruturas de opressão que sustentam o patriarcado também estão presentes na exploração animal. Embora pareçam movimentos diferentes, o feminismo e o veganismo resistem a sistemas de poder que objetificam e hierarquizam.

Ao revelar as conexões entre feminismo e veganismo, este trabalho busca incentivar e contribuir para futuras discussões sobre como nossas escolhas éticas e sociais podem favorecer para um mundo mais justo, onde a vida em todas as suas formas seja respeitada e valorizada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMS, Carol J. A Política Sexual da Carne: uma Teoria Crítica Feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde, 2012.

ADAMCZYK, Dominika; MODLINSKA, Klaudia; MAISON, Dominika; PISULA, Wojciech. Gender, masculinity and the perception of vegetarians and vegans: A mixed-methods investigation. Sex Roles, 2023.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-023-01420-7>. Acesso em: 23 out. 2024.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. 62% das brasileiras consideram o Brasil um país muito machista. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/62-das-brasileiras-consideram-o-brasil-um-pais-muito-machista/>. Acesso em: 11 out. 2024.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. 68% das brasileiras têm uma amiga, familiar ou conhecida que já sofreu violência doméstica. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/68-das-brasileiras-tem-uma-amiga-familiar-ou-conhecida-que-ja-sofreu-violencia-domestica/>. Acesso em: 11 out. 2024.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Em 2023, 1.467 mulheres foram mortas apenas por serem mulheres; 90% dos crimes foram cometidos por homens. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/em-2023-1-467-mulheres-foram-mortas-apenas-por-serem-mulheres-90-dos-crimes-foram-cometidos-por-homens/>. Acesso em: 11 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VEGANISMO. O que é veganismo? Disponível em: <https://veganismo.org.br/veganismo/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução por Jamille Pinheiro Dias.

Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.

CHUECCO, Fátima. Assim começa a carreira de um psicopata. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/assim-comeca-a-carreira-de-um-psicopata/180463015#:~:text=Segundo%20estudos%20do%20FBI%2C%20na,de%20maus%20tratos%20a%20animais>. Acesso em: 10 out. 2024.

COLLING, A. M. Violência contra as mulheres: herança cruel do patriarcado. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. Especial, p. 171–194, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.10944>. Acesso em: 12 out. 2024.

CONTAIFER, Juliana. Dieta de gladiadores: checamos 5 estudos do documentário da Netflix. *Metrópoles*, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/dieta-de-gladiadores-checamos-5-estudos-do-documentario-da-netflix>. Acesso em: 12 set. 2024.

DUARTE, Sofia. Salve o Ralph: filme mostra crueldade de testes cosméticos em animais. *Capricho*, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/salve-o-ralph-filme-mostra-crueldade-testes-cosmeticos-em-animais>. Acesso em: 15 out. 2024.

FERNANDES, Ana Clara Soares. A interseção entre o veganismo e o feminismo. *Revista Discente Planície Científica*, Campos dos Goytacazes, RJ, 2020.

FERNANDES, Flávia Carolina. McDonald's é condenado na justiça por expor menores de idade a condições de risco no trabalho. *Revista Fórum*, 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/7/5/mc-donalds-condenado-na-justica-por-expor-menores-de-idade-condies-de-risco-no-trabalho-138987.html>. Acesso em: 9 set. 2024.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2011.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

JÚNIOR, Janary. Nova lei regulamenta vaquejada e rodeio; texto prevê proteção aos animais. Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/586617-nova-lei-regulamenta-vaquejada-e-rodeio-texto-preve-protecao-a-animais>. Acesso em: 15 out. 2024.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. Revista Café com Sociologia, 2015.

MARTINS, Débora Sanches. Consumo de carne bovina e a questão de gênero. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/0006ce4b-8a8d-4454-8eb9-bc00c06d6125/content>. Acesso em: 23 out. 2024.

MINUTO DA TERRA. Por que não comemos animais carnívoros? YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7thwomSsEg>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MONNERAT, Leila. A política sexual da carne: como o consumo de animais é símbolo e instrumento do patriarcado. Disponível em: <https://midianinja.org/opiniao/a-politica-sexual-da-carne-como-o-consumo-de-animais-e-simbolo-e-instrumento-do-patriarcado/>. Acesso em: 6 out. 2014.

SANTOS, Eduardo. SANTOS, Leandro. (Vegano periférico). “Lanches veganos em grandes redes fast food não é a solução”. Terra, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rango-esperto/lanches-veganos-em-grandes-redes-fast-food-nao-e-a-solucao,73404/>. Acesso em: 11 set. 2024.

SANTOS, Eduardo. SANTOS, Leandro. (Vegano periférico). “O que o consumo de carne diz sobre a masculinidade”. Terra, 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/rango-esperto/o-que-o-consumo-de-carne-diz-sobre-a-masculinidade,80be388b85c8a6531d11b6f7be093185kgxhw7ws.html#google_vignette. Acesso em: 22 nov. 2024.

Piloto Lewis Hamilton lança rede de fast food vegano, Neat Burger. Revista PEGN, 2019. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Banco-de->

[ideias/Alimentacao/noticia/2019/09/piloto-lewis-hamilton-lanca-rede-de-fast-food-vegano.html](https://ideias.alimentacao/noticia/2019/09/piloto-lewis-hamilton-lanca-rede-de-fast-food-vegano.html). Acesso em: 06 set. 2024.

RAMOS, Marien. Rede de fast food é condenada por mandar empregado burlar validade de produtos. CNN Brasil, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/rede-de-fast-food-e-condenada-por-mandar-empregado-burlar-validade-de-produtos/#:~:text=Rede%20de%20fast%20food%20%C3%A9%20condenada%20por%20mandar%20empregado%20burlar%20validade%20de%20produtos>. Acesso em: 11 set. 2024.

ROUSSEAU, Jean J. Emílio ou da Educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

SINGER, Peter. Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil. Disponível em: <https://svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

TONSOR, G. T.; OLYNK, N. J. Impacts of Animal Well-Being and Welfare Media on Meat Demand. Journal of Agricultural Economics, v. 62, n. 1, p. 56–73, 2011.